

NORDESTE PRÁ FRENTE: O IMAGINÁRIO DE DURAND NAS TERRAS NORDESTINAS

Roquenei Fiuza Lima ¹

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana / Departamento de Letras e Artes
– Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade.
roqueneilima@gmail.com

Resumo

Não podemos abraçar a música como abraçamos o corpo que fez nascer a palavra abraço. No ato visceral do sentir ou na talvez desnecessária obrigação de provar que a palavra abraço tenha relação direta com os nossos braços, há a notável diferença entre o abraço musical e o abraço corporal 'feito de carne e osso'. Neste sentido, esse trabalho busca por meio do diálogo entre o visível e o invisível, entre o figurado e o configurado, entre o tocável e o intacto, direcionar para os caminhos do Imaginário durandiano através da canção *Nordeste Prá Frente*, de Luiz Gonzaga e Luís Queiroga, como um ensaio para o aprofundamento tanto sobre as riquezas nordestinas no que se refere ao imaginário quanto sobre a extensa obra de Gilbert Durand sobre o imaginário e suas influências e influenciados.

Palavras-chave: Nordeste, Imaginary, Luiz Gonzaga.

Abstract

We can not embrace music as we embrace the body that gave birth to the word embrace. In the visceral act of feeling or perhaps the unnecessary obligation to prove that the word embrace is directly related to our arms, there is the remarkable difference between the musical embrace and the bodily embrace 'made of flesh and blood'. In this sense, this work searches through the dialogue between the visible and the invisible, between the figurative and the configured, between the touchable and the intact, to direct the paths of the Durandian Imaginary through the song *Nordeste Prá Frente*, by Luiz Gonzaga and Luís Queiroga, as an essay to deepen both the richness of the Northeast in the imaginary and the extensive work of Gilbert Durand on the imaginary and its influences and influences.

Keywords: Nordeste, Imaginary, Luiz Gonzaga.

¹ Mestrando em Desenho, Cultura e Interatividade – UEFS – Orientador Dr. Miguel Almir Lima de Araújo.

1 INTRODUÇÃO

“Não há, ó gente, ó não / Luar como esse do sertão”. Estes são versos do poeta Catulo da Paixão Cearense que em 2016 entrou na lista das obras de Domínio Público, de acordo com as leis de direitos autorais no Brasil. O trecho citado está como convite para direcionar o olhar para as riquezas naturais e simbólicas do Nordeste brasileiro, ambiente rico em imagens, assim como qualquer outro espaço já explorado, neste contexto, no Brasil. No entanto, a região Nordeste se diferencia das outras partes do país por possuir história pautada à falta de assistência do Estado, mas, sobretudo, potente em manifestações artísticas, produção e reprodução de símbolos, imagens, mitos etc, com formas e cores próprias de identificação rápida a quem tem prévio contato aos seus símbolos.

Carlos Felipe (2004, p.48) é um dos pesquisadores que concordam que essa região é rica em contrastes, polissêmica e polifônica. “...os contrastes nesta região são marcantes, em relação ao quadro físico, à vida humana e às atividades econômicas. Não há uma região natural única, mas várias”. Este é o Nordeste da terra fértil em símbolos, terra de Patativa do Assaré, Ferreira Gullar, Ariano Suassuna, Gilberto Freyre, artistas que animaram a produção deste trabalho na perspectiva ‘sertânica’, principalmente, Luiz Gonzaga com a canção *Nordeste Prá Frente*, esta que ganha espaço principal, inclusive no título.

A expressiva presença de símbolos do Nordeste serve de matéria para as produções em geral, num conjunto de ações e criações imaginativas. A música, o tempo, os sentimentos e as manifestações culturais; o místico, o mito, o religioso e o trabalho estão não só reunidas numa compilação de obras, mas também podem ser identificadas numa única, como na *Quadras Sertânicas* do Dr. Miguel Almir (Ramagens, p. 22, 2004):

Floração de mandacarus
é primavera no sertão
chove torrentes de alegria
festa de roda e baião.

O toque brejeiro da sanfona
arrepia o fole do coração
saculeja o corpo e a alma
rendendo graças ao sertão.

O estandarte do fogo encantado
estampa alumioso o grande sertão
com o lume do santo guerreiro
e o lampejo garboso de Lampião.

Entre as veredas desgrenhadas
as pelejas da sina catingueira
encruzilhadas de Deus e do Diabo
proezas de uma gente braveira.

Nestes versos, por exemplo, há uma compilação das muitas características comuns às terras “sertânicas”. O mandacaru como a representação da estética da natureza, a primavera e as suas noções sobre a temporalidade, a chuva e as lembranças bachelardiana no que se refere a elementos que serviram de base para o que se discute sobre Imaginário, a festa de roda e baião como manifestações da cultura popular, Lampião como o mito e a presença de Deus e do Diabo para apontar a religiosidade latente da região. Diante dessas riquezas simbólicas, logo se apresenta como o espaço propício de imagens que emergem as narrativas mitológicas, das religiões, de obras literárias e de manifestações artísticas, cenário pelo qual Durand se debruçou para falar sobre Imaginário.

Por necessidade estrutural, cabe aqui a delimitação e a direção dos objetivos. Em meio a esse amplo ambiente simbólico, Bachelard e Durand estão como os principais norteadores deste caminhar. Bachelard com a base do pensar a respeito do Imaginário e Durand como o princípio para, a partir dele, promover o diálogo entre as ideias do que seja regional, científico, técnico na perspectiva da atuação do Simbólico.

Assim como o texto *Quadras Sertânicas*, já apresentado, a canção *Nordeste Prá Frente* reúne matéria simbólica passível de reflexão concentrada num espaço de tempo e estudos que possibilitam a produção e promoção da efervescência de ideias durandianas. Busca-se através da proposta com a canção *Nordeste Prá Frente*, naturalmente, o envolvimento maior comparado ao *Quadras Sertânicas*, justamente por se tratar da obra central para o desenvolvimento deste trabalho. No entanto, mesmo com o não comprometimento total do envolver no contexto sonoro musical e as suas especificidades técnicas, a música escolhida apresenta texto literal que cumpre seu papel como uma pequena parte sobre as produções e reproduções simbólicas que evidenciam o imaginário no ambiente nordestino.

2 DURAND E A MÚSICA

Antes de mais nada, vale ressaltar que as produções durandianas não têm relação direta com estudos sobre música. Essa relação existe de forma indireta a partir das imagens emergidas das obras literomusicais e artísticas. De acordo com Luis Garagalza (Jornal El País²), Gilbert Durand se dedicava às artes plásticas, literatura, mitologia, poesia, antropologia, além dos textos científicos e outras atividades que tratavam das relações humanas. O diálogo entre Durand e a música se dá a partir da relação da música com as áreas tocadas por ele e a relação delas com a música. Ou seja, sendo música uma das mais expressivas manifestações artísticas, presente nas mais distintas sociedades, nela há poesia, há literatura, há ciência, há imagens e tudo o que a imaginação humana pode criar a partir de sons. Assim, a referida música tem relação com as produções durandianas. Dessa forma, a canção *Nordeste Prá Frente* será explorada com destaque aos exemplos das manifestações do imaginário no espaço, no tempo e no contexto proposto.

3 NORDESTE PRÁ FRENTE E DURAND

Os símbolos na concepção durandiana são vistos a partir de regimes *diurnos* que são aqueles que têm características ligadas ao sol, ao positivismo, às coisas exatas, à natureza paternal, aspectos que ele aponta como gestos posturais, relacionados aos símbolos eretos, verticais etc. Por outro lado está o regime *noturno* que vem como a antítese de toda essa positividade, visto como copulativo e digestivo, com gestos mais brandos e acolhedores, com o que não se amedronta ao que morre e com gestos mais próximos aos rituais.

A partir desta perspectiva, a canção *Nordeste Prá Frente* se coloca como o espaço fértil para uma análise de símbolos e potente para uma reflexão a partir do contexto, justamente a região Nordeste com mais de 1.5 milhões quilômetros quadrados de terra seca, rachada e terra molhada, de água doce, salgada e salobra, de ar quente, frio e morno, de fogo brando e valente, ambiente explorado por Luiz Gonzaga que inspirou e se tornou símbolo de nordestino músico e divulgador das coisas de sua terra natal. Gonzaga cantou a noite e o dia, as farturas e as mazelas, a vida e a morte, o velho e o novo, o unitário e o social, como podemos observar parte destes aspectos a partir desta canção, que teve a sua primeira gravação em grande

² Disponível em http://cultura.elpais.com/cultura/2012/12/22/actualidad/1356208475_567854.html
acesso em 27/05/2017

escala no ano de 1968³ por Luiz Gonzaga, composta em parceria com Luis Queiroga, através do selo RCA Victor⁴.

Nordeste Pró Frente

Sr. repórter já que tá me entrevistando
vá anotando pra botar no seu jornal
que meu Nordeste tá mudado
publique isso pra ficar documentado

Qualquer mocinha hoje veste mini-saia
já tem homem com cabelo crescidinho
O lambe-lambe no sertão já usa flash
carro de praça cobra pelo relógio

Já tem conjunto com guitarra americana
já tem hotel que serve whisky escocês
e tem matuto com gravata italiana
ouvindo jogo no radinho japonês

Caruaru tem sua universidade
Campina Grande tem até televisão
Jaboatão fabrica jipe à vontade
lá de Natal já tá subindo foguetão

Lá em Sergipe o petróleo tá jorrando
em Alagoas se cavarem vai jorrar
publiquem isso que eu estou lhe afirmando
o meu Nordeste dessa vez vai disparar

Trecho falado:

Hahai... E ainda diziam que meu Nordeste não ia pra frente
falavam até que a Sudene⁵ não funcionava
Mas Dr. João chegou lá
com fé em Deus e no meu Padim Ciço
e todo mundo passou a acreditar no serviço
essa é que é a história

Como apresentada, a referida canção descreve uma possível entrevista, onde o eu lírico está para o nordestino que apresenta possíveis interferências da cultura de massa nas terras “em desenvolvimento”, como se a presença de outras culturas a partir da distribuição de produtos de consumo promovessem esse “desenvolvimento”. A canção expõe paralelamente pontos secundários que valem ressaltar, a exemplo da

³ Disponível em http://www.gonzagao.com/discografia_de_luiz_gonzaga.php acesso em 27/05/2017

⁴ Disponível em <http://www.forroemvinil.com/luiz-gonzaga-canaa/>, acesso em 10/11/2017

⁵ Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – Sudene - Disponível em <http://www.sudene.gov.br/institucional>, acesso em 11/11/2017

importância do jornal para registros históricos, dentre outros que aqui não serão explorados para tornar mais preciso e direcionado à matéria que aproxima do autor aqui proposto.

Entre as músicas gravadas por Luiz Gozaga, numa discografia que passa de 260 albuns, a canção *Nordeste Prá Frente* ganha destaque pela sua peculiar estrutura e por apresentar o Nordeste numa perspectiva inusitada, numa posição de local “em desenvolvimento tecnológico”, que tem esperança de mudanças, com características de regiões em crescimento e com costumes de consumir produtos europeus, americanos e asiáticos. A educação formal de nível superior também foi destaque na canção, assim como a presença do petróleo como fator de crescimento financeiro e por fim a presença do sagrado, da fé e da religiosidade, num amplo ambiente *noturno* e *diurno*.

A perspectiva inusitada desta canção está por trazer elementos que não são comuns às canções gravadas por Luiz Gonzaga, com o eu lírico de quem tem consciência de detalhes sobre as mudanças do seu ambiente natural e a interferência de outras culturas numa perspectiva de “desenvolvimento tecnológico”. As esperanças de mudanças como ideia de desenvolvimento vindas das observações sobre o comportamento das pessoas, sendo influenciadas supostamente por ter contato com outras culturas, assim como a constatação do uso de novos equipamentos que demonstram características de grandes centros urbanos, quando se referem ao “Flash” e ao “reloginho”, artefatos que em geral não são explorados como algo comum ao povo nordestino.

Outras observações estão no destaque das nações influenciadoras: América, Escócia, Itália e Japão, representados por produtos de consumo que o nordestino iniciara a sua familiaridade. No tocante à educação formal, o autor traz a presença de universidades como sinônimo de avanço para a região, o que de fato talvez seja o principal e efetivo sinônimo de crescimento local, comparado aos outros pontos em destaque na música. A religiosidade era algo muito presente nas canções de Luiz Gonzaga, há em grande parte das obras interpretadas por ele a presença de Deus e do Padim Ciço como representação do sagrado e do divino.

A análise da canção *Nordeste Prá Frente* correlacionada às ideias de Durand, fica ainda mais interessante a partir da identificação de elementos que se aproximam dos exemplos do possível ambiente que se constrói o Imaginário nordestino. Neste caso específico, por apresentar o novo em um espaço cultural determinado, há o antagonismo que leva a expressar as diferentes maneiras de ver o mundo. Assim,

nesta análise de forma ampla e genérica, a canção apresenta crenças religiosas, hábitos do cotidiano, maneira de se vestir, assim como a própria presença de instrumentos musicais comuns a outras culturas quando o compositor diz que “já tem conjunto com guitarra americana”.

Para Durand (1993, p. 97), os símbolos, os problemas do símbolo, assim como as suas decifrações estão presentes fundamentais ambiguidades, quando abordados. Essa complexidade, de acordo com o pesquisador, pode ser vista tanto a partir do próprio símbolo quanto na sua classificação. Ele também afirma que a dubiedade dos signos está presente da mesma forma nas hermenêuticas, com críticas a respeito do modelo de pedagogia adotada pelas universidades ocidentais. Dedicado às discussões sobre o imaginário, Durand busca elucidar as funções da imaginação simbólica tanto da compreensão da sua complexidade de abordagem quanto no equilíbrio dentro de áreas que fazem surgir a necessidade humana de produzir símbolos.

A relação entre a vida e a morte é uma das abordagens durandianas no que se refere ao surgimento de símbolos. Estes opostos também fazem parte da atmosfera nordestina, como o Boi-bumbá e sua fabulosa história de morte e ressurreição, narrativa, estória, dentre outras infinitas possibilidades de exemplos das imagens do Nordeste que podem dialogar com as produções sobre o equilíbrio vital.

Outro exemplo dessa relação, vida e morte, com as manifestações culturais do Nordeste está nas canções populares, assim como as obras literárias dessa região. O pernambucano João Cabral de Melo Neto escreveu *Morte e Vida Severina* que depois Chico Buarque musicou, esse poema comprova a potência tanto da riqueza literária quanto a musical do Nordeste. “Esta cova em que estás, com palmas medida / É a conta menor que tiraste em vida / É de bom tamanho, nem largo, nem fundo / É a parte que te cabe deste latifúndio”, nessa obra especificamente está um pouco desta relação.

No que se refere ao folclore brasileiro, o Nordeste é uma das regiões que mais se destaca pela riqueza de mitos, personagens, danças, culinária etc, são manifestações que mesmo todos os pesquisadores do mundo reunidos não conseguiriam agrupar todas as possibilidades de correlações com a obra de Durand, não por falta de capacidade, mas sim pela infinita nuance no que se refere às produções humanas e no que se refere ao *noturno* e *durand* de Durand.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho ensaiou uma possível relação e aproximação do Nordeste com as ideias de Durand. Nele, conclui-se que há uma vasta oportunidade de abordagem das coisas dessa região que pode dialogar com as ideias durandianas. Na canção *Nordeste Prá Frente*, por exemplo, foi encontrado muito do que o autor chamou de *regime diurno*, com alguns aspectos do *regime noturno*, detectado quando o autor da canção destaca a ideia de avanço e desenvolvimento local, onde se confirma o pensar positivista e vertical sobre o modelo frontal do pensar. Outros dois pontos que merecem destaque dentre outros já citados está a presença da educação formal onde o compositor mostra como sinônimo de desenvolvimento e a presença de Deus como exemplo da religiosidade, ambos muito comuns quando se analisa os aspectos da construção do imaginário.

5 REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Junior Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª ed. São Paulo: FJN, ed. Masangana, Cortez, 2001.
- ANDRADE, Manoel Correia de. **A terra e o homem no nordeste: Contribuição ao estudo da questão agrária**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- ARAÚJO, M. A. L.. **Ramagens**. 01 ed. Salvador: Pirlampo, 2004.
- BARROS, João de Deus Vieira. **Imaginário da brasilidade em Gilberto Freyre**. 2 ed. São Luis/MA: EDUFMA, 2009.
- CORDEIRO, Betânia Silva. **As Canções de Luiz Gonzaga Sob o Olhar da Análise Crítica do Discurso (ACD)**. Disponível em: http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/2/TDE-2009-11-19T123640Z-178/Publico/dissertacao_betania_silva.pdf> Acesso em 28 de jun. 2017.
- DURAND, Gilbert. **A Fé do Sapateiro**, Universidade de Brasília 1995
- FELIPE, Carlos. **O Grande Livro do Folclore**. São Paulo: Leitura, 2004
- HORTA, Carlos Felipe de Melo Marques. **O Grande Livro do Folclore**. 2014, Editora Leitura. Belo Horizonte.
- INTERCOM – **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste** – Campina Grande – PB – 10 a 12 de Junho. 2010.
- JABOTÁ, Roniwalter. **O Jovem Luiz Gonzaga**. 3 ed. São Paulo: Nova Alexandria. 2012.

Sílvio Anaz, Grazyella Aguiar, Lúcia Lemos, Norma Freire e Edwaldo Costa. **Noções do Imaginário: Perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin.** 2014. Portal Revistas PUC/SP.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis – RJ. 2011